

Perfil

Kate

de

Queiróz

Costa

Seu trabalho, sua paixão

É quase impossível conversar com Kate e não falar de “suas” revistas. Se bem que dá vontade de conversar sobre várias coisas. Essa amazonense é assim: inovadora, jovem, alegre e interessante.

Kate de Queiróz Costa começou sua carreira profissional como Transcritora de Braille, na época em que enxergava, depois, foi revisora de textos em Braille e, há 8 anos, ela é a responsável pela elaboração da Revista Brasileira para Cegos, a RBC e da Pontinhos, voltada para o público infanto-juvenil, ambas publicações do Instituto Benjamin Constant.

Desde que foi lançada, em abril de 1942, pelo então diretor do IBC Dr. João Alfredo Lopes Braga, a RBC sempre teve vocação vanguardista. Única no gênero no Brasil, a primeira revista de cunho informativo e cultural editada em Braille é, hoje, lida por 3 mil assinantes no Brasil e em 22 outros países.

Kate tem lutado para manter viva essa iniciativa, apesar de todas as dificuldades. Ela diz que “levar entretenimento, informação e cultura a esta clientela é uma obrigação, um dever”. Sua maior preocupação é que o cego precisa ler muito para poder escrever bem: “A palavra escrita é indispensável à formação intelectual do cego, pois quem não lê jamais poderá grafar corretamente as palavras.”

Apoiada por uma equipe de 7 leitores fiéis e voluntários, Kate escolhe os assuntos que, segundo ela, mais interessam ao cego. Garimpando a partir de revistas e jornais impressos à tinta, Kate e sua equipe acabam chegando a um resultado final diversificado, informativo e de extrema utilidade para o cego. São cerca de 80 páginas divididas em artigos e seções. Um dos artigos é sempre escrito por uma pessoa cega ou sobre a pessoa cega. Entre as seções há a Histórias Interessantes e a Lugares do Mundo; a seção Ciência e Saúde apresenta temas ligados a tecnologia, astronomia, arqueologia, pesquisa, traz informações práticas sobre doenças, sobre o universo infantil, sobre a mulher, remédios caseiros, receitas, mundo animal. Há ainda as seções Variedades, Informativo IBC, Noticiário Especializado e a coluna Troca de Idéias. A RBC aborda também arte e ecologia. Devido à falta de espaço e outras circunstâncias para manter edições mais contantes, as regras são claras: nada de assuntos badalados pela mídia, nenhuma informação irrelevante, nenhum “blá, blá, blá”. Tudo é resumido para privilegiar o conteúdo e a quantidade de assuntos abordados, nessa ordem, tendo sempre em mente o que é de interesse do cego. “Eu, como cega, sei o que é melhor para o cego”, conta nossa perfilada, passional, inflamada e convicta. Com o passar dos anos, ela vem inovando e trazendo melhorias para a revista. Uma delas é a redação do Editorial, o que não existia nas primeiras edições. “Infelizmente, são inúmeras as dificuldades para se imprimir revistas onde a prioridade é o livro didático. Contudo, elas estão sendo editadas; às vezes, com muito atraso, mas nunca sem um grande empenho”, lamenta Kate, comentando sobre as variações de periodicidade.

Kate pensa no cego do interior do país cuja condição social não lhe permite ter acesso a publicações em Braille (se existissem), muito menos ao computador. Ela se preocupa com o cego de nascença, que não conhece as cores, de forma que ele entenda, por exemplo, a beleza da Pintura. Quando enxergava, ela esteve no Louvre e procura transmitir todas essas emoções para os seus leitores. Essa dedicação é reconhecida, gerando muito carinho e muita cumplicidade em todo o país.

Num país de tantos contrastes e tão pouca vontade política com relação às minorias, fala-se muito em democratização da informação, em “era da Internet”. Mas o

trabalho de Kate e de toda sua equipe é o melhor exemplo prático de democratização, de integração do cego na sociedade e de vontade de fazer pelo próximo.

Kate gosta de tudo o que faz e faz tudo com o maior idealismo possível. Talvez seja esta a receita de ela se sentir tão jovem quanto há 25 anos, quando teve o segundo descolamento de retina e ficou cega do olho direito. Mãe orgulhosa de um filho de 27 anos, nas horas de folga Kate gosta de andar acompanhada no Aterro do Flamengo, faz Yoga, gosta muito de pintura e de sorrir.

Ao final da entrevista, Kate comenta que usa óculos escuros porque a claridade a incomoda um pouco. Eu talvez precise de óculos escuros da próxima vez que conversar com ela: saio de sua casa encantada com o brilho dessa mulher.

por Daniela do Carmo